

LITERATURA E LINGUÍSTICA: AS CATEGORIAS E OS ATRIBUTOS SEMÂNTICOS REFERENTES À “MULHER” PRESENTES EM CONTOS DE LUIZ VILELA

Thyago José da Cruz
Doutorando em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
(PPGLEtras/UFMS)
thyago.cruz@ufms.br

RESUMO

A partir da análise dos contos “Confissão” e “Por toda a vida”, do livro *Tremor de Terra* (1967), de Luiz Vilela, este trabalho se propõe a verificar como a figura do feminino é retratada e categorizada nessas narrativas. Para tanto, valendo-nos da teoria de Nível de Base, proposta por Eleonor Rosch e sua equipe (1976), identificamos, por meio da extração dos atributos semânticos e a investigação de contextos, quais as categorias, com relação ao feminino, estão presentes nos contos selecionados da referida obra. Esperamos, ao final, contribuir à crítica literária com mais um viés de análise, proporcionado pela conjunção entre um ramo da Linguística (a denominada Linguística Cognitiva) e estudos da Literatura.

Palavras-chave: literatura, linguística cognitiva, Luiz Vilela, *Tremor de Terra*, contos.

RESUMEN

A partir del análisis de los cuentos “Confissão” y “Por toda a vida”, del libro *Tremor de Terra* (1967), de Luiz Vilela, este trabajo se propone a averiguar como la figura de lo femenino se retrata y se categoriza en esas narrativas. Para eso, empleamos la teoría de Nivel de Base, propuesta por Eleonor Rosch y su equipo (1976), identificamos, por medio de la extracción de los rasgos semánticos y la investigación de contextos, cuáles categorías, con relación a lo femenino, están presentes en los cuentos seleccionados de la referida obra. Esperamos, al final, contribuir a la crítica literaria con más una alternativa de análisis, proporcionada por la conjunción entre una rama de la Lingüística (la denominada Lingüística Cognitiva) y los estudios de Literatura.

Palabras-clave: literatura, linguística cognitiva, Luiz Vilela, *Tremor de Terra*, cuentos.

Introdução

Na obra *Tremor de Terra*, de Luiz Vilela, na edição de número sete, publicada no ano de 1980, podemos encontrar várias ilustrações em alguns de seus contos. Se voltarmos a atenção a como a mulher é retratada graficamente em um deles, isto é, em “Confissões”, veremos a imagem gráfica de uma mulher em trajes íntimos, com os seios quase à mostra, as pernas em evidência e uma atmosfera de sedução que lhe envolve. As descrições que lhe são feitas no decorrer da narrativa condizem com o desenho apresentado. Já no conto “Por toda a Vida”, no entanto, não encontramos nenhuma ilustração, mas as descrições realizadas pelo narrador no transcorrer do conto permitem-nos imaginar e “visualizar” como são as suas duas personagens femininas principais, Inês e sua mãe.

Neste trabalho, portanto, nos dedicamos a buscar como a imagem feminina é retratada nesses dois contos, porém nos fundamentamos somente na análise discursiva e contextual (e não imagética ou semiótica) dessas figuras, ao empregarmos a teoria de nível de base, pertencente à Linguística Cognitiva. Por meio dessa teoria, nos propomos a identificar quais são as categorias (de base, subordinada e superordenada), bem como os atributos semânticos com relação ao feminino presentes nos contos “Confissão” e “Por toda a vida”, do renomado escritor Luiz Vilela, em sua obra *Tremor de Terra* (1967).

No que se refere à obra analisada, *Tremor de Terra* foi o primeiro livro de contos publicado por Luiz Vilela, no ano de 1967. A princípio, o autor teve sua obra recusada por duas editoras e acabou por lançá-la com recursos próprios. Mais tarde, *Tremor de Terra* é reconhecida pela crítica, recebendo o Prêmio Nacional de Ficção. A coletânea está dividida em vinte contos, dentre os quais, como já informamos anteriormente,

escolhemos “Confissão” e “Por toda a vida”, por apresentarem, ano nosso ver, de um modo bastante delimitado como a figura feminina esteve, e muitas vezes ainda está retratada, em nossa cultura, o que poderá ser depreendido pelo leitor no decorrer de nossa análise.

Este artigo se estrutura da seguinte forma: a presente introdução, uma explanação sobre a teoria de nível de base, o detalhamento da metodologia empregada em nossa pesquisa, a análise contextual dos contos, a distribuição dos atributos semânticos nas categorias subordinadas e as considerações finais.

1. A linguística cognitiva: a teoria de nível de base

Dentre outras temáticas, a Linguística Cognitiva preocupa-se com a organização interna de uma categoria e com os níveis de categorização (ROSCH, 1976). Neste trabalho trataremos dos níveis de categorização, especialmente a teoria elaborada por Rosch e equipe (1976), a denominada teoria de nível básico. Na sequência, vejamos, brevemente, como se desenvolveu essa teoria.

Categorizar, segundo Marques (2005), consiste em uma das atividades mais fundamentais do cognitivo humano, pois, por meio dela, podemos compreender e inferir predições sobre os objetos e acontecimentos do mundo. A título de exemplificação, se pensarmos, com relação ao mundo animal, na seguinte hierarquia para "gato", teremos: entidade> ser vivo> animal>mamífero>gato>persa> Floquinho. É possível observar uma gradação na qual há um hiperônimo ("entidade" do mundo) que abarcaria outras instâncias a ele menores até se chegar a um elemento particular ("Floquinho", nome fictício que demos a um gato qualquer que pertence a alguém). Este mesmo processo foi

verificado, com outros exemplos, pelos trabalhos de Berlin (1978) e sua equipe, que promoveu um estudo antropológico sobre as classificações populares de plantas e animais. Dessas análises, tais pesquisadores distinguiram cinco níveis de categorização mental para os objetos estudados: o nível do reino, o da classe, o do gênero, o da espécie e o da variedade. Com o desenvolver da pesquisa, percebem que é justamente no nível intermediário, nesse caso o do gênero, no qual há a presença de mais membros, considerados os mais representativos com relação aos aspectos culturais e linguísticos.

Posteriormente, Rosch e equipe (1976) aprofundam esses estudos e propõem um novo modelo de categorização. Para eles, os níveis se reduzem ao superordenado, o básico e o subordinado. O básico é o nível mais central quando realizamos o processo de categorização. Para Marques (2005, p. 54), corresponde ao nível mais importante, pois seu processamento cognitivo ocorre de um modo mais fácil, é mais inclusivo, além de funcionar como base para a estruturação das categorias cognitivas internas.

O superordenado, por sua vez, remete-se àquele nível em que se localizam as categorias mais amplas e de informações gerais menos definidas. Já o subordinado apresenta o nível de categoria mais específico e pode ocupar posições mais periféricas na construção do sentido. Cruz (2012, p. 82) esclarece todos esses níveis na seguinte classificação: "em samambaia, por exemplo, podemos associar o conceito de planta (que lhe é superior) e de samambaia-espada (seu nível inferior), dando-lhe um efeito de gradação, mediante a relação planta>samambaia> samambaia-espada". Logo, samambaia seria o nível básico; planta, o superordenado e samambaia-espada, o subordinado.

A seguir, veremos como se configura a metodologia que empregamos para analisar os contos "Confissão" e "Por toda a vida".

2. A análise dos contos: processo metodológico

Primeiramente, cabe-nos salientar que o nosso objetivo, neste artigo, é verificar como se constituiu, na obra *Tremor de Terra*, de Luiz Vilela, a categoria básica “mulher” e identificar quais são os atributos semânticos relacionados a essa categoria. Para isso, escolhemos os contos “Confissão” e “Por toda a Vida”. Esses atributos também nos permitirão indicar como se configuram as categorias subordinadas. Todo o processo, de maneira mais detalhada, bem como o porquê dessas nomenclaturas por nós escolhidas, expomos a seguir.

Inspirados na metodologia de Cruz (2012), quem identificou, por meio da teoria dos protótipos e de nível básico, qual era a imagem que a mulher adquire em um inventário de provérbios em língua espanhola, e calcados, principalmente na teoria de Rosch e sua equipe (1976), consideramos que a categoria de nível básico “mulher” corresponde às mulheres presentes nos referidos contos de Luiz Vilela, pois se remetem a um caráter literário, isto é, mais abstrato, mais entidade, de neutralidade contextual, mais inclusivo e fácil de se processar cognitivamente. Essa categoria, por sua vez, se inscreve numa que lhe é superior, isto é, a categoria superordenada MULHER, pois esta inclui todas as mulheres já existentes, tanto do mundo ficcional como do real.

O procedimento que utilizamos para delimitar os atributos e as categorias subordinadas, foi de que, no próprio texto, a cada vez que se citasse a unidade lexical “mulher” ou alguma outra forma linguística que remetesse a ela (moça, menina, mãe, sogra, etc.), analisaríamos o contexto em que ela está inserida. Dessas análises, retiramos os atributos para posteriormente distribuí-los nas categorias subordinadas.

Com relação à análise do contexto, valem as considerações de Wierzbika (apud KLEIBER, 1995, p. 74-75), quem assinala que devemos preferir, nesse tipo de análise, confiar na intuição e na introspecção racionalizada do pesquisador. Em outras palavras, aquele que investiga o contexto e seus elementos discursivos poderá direcionar sua metodologia para a apreensão de sentido através de uma análise de atributos mais voltada a uma interpretação e a uma observação mais subjetiva e própria de cada pesquisador. Entretanto, Kleiber (1995) nos adverte que um controle linguístico sempre é possível e necessário. Portanto, a análise léxica, os encadeamentos textuais, as locuções estereotipadas e as associações sintagmáticas serão fundamentais para a apreensão dos atributos.

3. Análise do conto “Confissão”, de *Tremor de Terra*

“Confissão” é o primeiro conto disposto na obra *Tremor de Terra*. O texto, como um todo, se organiza em forma de diálogo entre um clérigo que ouve a confissão de um penitente adolescente, quem declara ter cometido o pecado de observar uma moça seminua, em algumas ocasiões.

Com o transcorrer do diálogo, percebe-se um interesse dúbio por parte do padre no relato do jovem, isto é, o confessor parece envolver-se com a narrativa e, em algumas passagens, por meio da clara curiosidade em saber os pormenores do ocorrido, acaba por revelar seus desejos e aproveitar-se dos acontecimentos explicitados na confissão, ainda que seja, aparentemente, apenas pela imaginação do reverendo. Além disso, por meio de atos falhos, o religioso demonstra também pecar no momento em que se engaja na narrativa juvenil, como podemos notar em: “Não tenha receio, meu filho; um coração

puro não deve ocultar nada a Deus. Ele, em sua infinita bondade e sabedoria, saberá *nos* compreender e perdoar” (VILELA, 1980, p. 11-12, grifo nosso). O pronome “nos” acaba por incluir o padre no pedido de perdão a Deus.

Embora a figura feminina seja somente citada no decorrer da narrativa, alguns atributos podemos depreender do contexto. A seguir, iremos apresentá-los juntamente com as passagens contextuais na qual pudemos realizar a análise. Cabe salientar que sinalizamos com letras em itálico os momentos que julgamos mais pontuais e do qual estamos retirando os atributos semânticos. Outrossim, apresentamos uma numeração que remeterá o leitor ao atributo identificado. Passemos à análise de “Confissão”.

Após o jovem ter declarado ao padre que pecou ao ver sua vizinha seminua, este, a todo momento, indaga o penitente, querendo imputar a culpa àquela mulher: “Como foi que você a viu assim? Foi *ela que provocou* (1)” (VILELA, 1980, p. 11, grifo nosso). Quando o jovem nega tal pergunta, pelo fato de ela estar dormindo, o religioso ainda questiona se isso não seria uma simulação da moça:

[...]

– Dormindo?

– É...

– Quer dizer que ela não te viu?

– Não...

– Ela não estava só fingindo? (2)

– Acho que não...

– Acha?

– Ela estava dormindo...

– A porta estava aberta ou foi pela fechadura que você viu?

– A porta. Estava aberta... Só um pouco.

– Teria sido de propósito que ela deixou assim? (1) Ou... (VILELA, 1980, p. 11, grifos nossos).

No transcorrer da narrativa, a figura da mulher é adornada por uma esfera de sedução, de feitiço, o qual, segundo o clérigo, é devido à dominação do demônio no corpo da moça:

- Eu queria continuar olhando...
- Sim.
- Era como *se eu estivesse enfeitado* (3) ...
- *O feitiço do demônio*. Ele torna o pecado atraente para cativar as almas e levá-las à perdição. *Era o demônio que estava no corpo da moça*, meu filho (VILELA, 1980, p. 12, grifos nossos).

Quando o jovem relata que, em outra ocasião, quase pecou pela luxúria, fica claro, tanto em suas falas como nas do padre, que a grande parte da culpa de ter quase ocorrido a falta pecaminosa deve-se à moça:

- Sim. E quê mais? Foi essa a primeira vez ou já houve outras antes dessa?
- [...]
- É... Ela estava de camisola; uma camisola meio transparente.
- De tal modo que permitisse enxergar a nudez?
- É... [...] Eu tinha ido lá buscar um livro. *Ela estava no quarto e me chamou...* (1)
- Ela *não procurou cobrir-se* com mais alguma coisa? (1)
- Não...
- [...]
- Ela não falou alguma coisa inconveniente?
- Não, mas o jeito que ela estava sentada... [...] *Mostrando as pernas...* (1)
- Entendo. *E o olhar? Havia alguma imoralidade nele, alguma provocação?*
- *Havia...* (1)
- [...]
- Não o quê? *Ela queria pecar?*
- É...
- Você imaginou isso ou as atitudes dela mostravam?

— *As atitudes dela...* (1) (VILELA, 1980, p. 12-13, destaques nossos).

Certo momento, o padre questiona o garoto sobre a boa vivência cristã dos pais da adolescente. Há, neste momento, a valorização da virgindade e castidade femininas: “Já ouvi mamãe dizendo que ela *não procede bem...* Que ela *não é mais moça*_(5) [...]” (VILELA, 1980, p.14, grifos nossos).

A partir da análise do contexto, podemos inferir os seguintes atributos (apresentamo-los obedecendo à sequência que são expostos na narrativa):

ATRIBUTOS REFERENTES À MULHER NO CONTO “CONFISSÃO”

- 1 – indutora / provocadora do pecado;
- 2 – dissimulada;
- 3 – sedutora;
- 4 – dominada pelo demônio;
- 5 – deve ser casta e pura.

4. Análise do conto “Por toda a vida”

O conto “Por toda a vida” retrata a trajetória de um jovem casal, João e Inês: desde o primeiro olhar ocorrido entre os dois, perpassando o namoro até certa etapa do casamento. No começo da narrativa, já é possível perceber a não aprovação da relação, por parte da mãe de Inês, uma vez que o jovem namorado era pobre: “Nós já somos pobres e você namora um rapaz mais pobre do que nós?” (VILELA, 1980, p. 27). Vemos,

na história, as dificuldades passadas, o nascer dos filhos, a ascensão laboral de João e os problemas vividos pelo casal (inclusive uma desconfiança de Inês de uma traição).

Foquemos, neste momento, nas figuras femininas. Nesse conto, destacamos, pelas descrições mais abundantes feitas pelo narrador e pelas outras personagens, duas personagens: Inês e a mãe de Inês.

Inês, ao início da narrativa, comporta-se como uma moça de iniciativa, pois foi ela que começou com os primeiros olhares e, todos os dias, após as cinco horas da tarde, permanecia na janela de sua casa a fim de esperar que seu flerte passasse por ali: “[...] Ele surgia com o rosto já voltado na direção da janela, sabendo que *ela estaria ali* à sua espera[...] Então *ela deu o primeiro sorriso*. (6) [...]” (VILELA, 1980, p. 27, grifos nossos).

Como uma boa moça para os padrões tradicionais, Inês, com o passar do tempo, conversava com João após o término do expediente laboral dele, mas permanecia dentro de casa: “Toda tarde ela ia esperá-lo no portão, e ficavam conversando, *ela do lado de dentro* (7), e ele na calçada” (VILELA, 1980, p. 27, grifo nosso). Além disso, assim como a mãe, ajudava nas finanças da casa, fazendo bordados para vender: “A despesa era grande. O pai trabalhava muito para dar conta. A mãe ajudava na costura, fazendo as roupas dos meninos. *Ela era a filha mais velha e ajudava fazendo bordados para fora* (8) (11)” (VILELA, 1980, p.27, grifo nosso). Com relação ao namoro, no início, Inês se demonstrava bastante apaixonada e sonhadora: “*Ela o adorava*. (9) [...] *Um dia ainda teremos tudo* (9): uma casa grande, arejada, com jardim e quintal, os melhores móveis, tudo de bom e do melhor” (VILELA, 1980, p. 28, grifos nossos).

A mãe de Inês cultivava alguns valores da família de base patriarcal, na qual cabe ao marido o sustento da esposa e dos filhos e o casamento passa a ser um negócio: “[...] Sem dinheiro ninguém vale nada hoje. É o dinheiro que manda. Em toda parte, é assim. Você

ainda é moça e inexperiente. *É melhor casar com um homem bom e rico* (10) do que com um bom e pobre. [...] *Casar com uma pessoa pobre hoje não é bom negócio* (11) (10)” (VILELA, 1980, p. 27, grifos nossos). Vemos na figura da sogra de João, como explicitado por Inês, um certo interesse somente pelo dinheiro e não pelo amor entre os pares: “Nem sei o que é amor para a senhora. *A senhora parece que só pensa em dinheiro*” (10) (VILELA, 1980, p. 28, grifo nosso). Além disso, a sogra sempre demonstrou hostilidade com relação ao genro: “A mãe relutara um pouco por causa do genro, a quem não *ocultava a sua hostilidade* (12) [...]” (VILELA, 1980, p. 28, grifo nosso); e apresenta certas atitudes sovinas, como percebe João quando a mãe de Inês anuncia o aumento do aluguel da casa em que o jovem casal morava: “Sua mãe é mais *sovina* (13) que não sei o quê...” (VILELA, 1980, p. 29, grifo nosso).

Com o passar dos anos, a vinda dos filhos e os desgastes que a vida a dois pode trazer, as juras de amor vão aos poucos sendo trocadas por pequenas injúrias e reclamações. O marido, certa ocasião, insinua que Inês anda gastando demais o leite em pó de suas filhas: “Ele viu o restinho no fundo da lata e disse que ela não se importava de fazer economia, *não colaborava com ele* (14) [...]. Ele continuou: disse que tanto tinha *a mãe de sovina quanto tinha ela de esbanjadora* (14)” (VILELA, 1980, p. 30, grifos nossos). Desse excerto, percebemos também a figura do homem como o principal provedor dos custeios da casa, embora houvesse uma pequena colaboração da companheira, que continuava com os bordados para vender.

Em outro momento, é possível notar a figura de uma mulher sensível à dor e às decepções que a vida pode trazer: “Ele segurou-lhe o queixo, ela fugiu de sua mão afastando o rosto: sentiu o cheiro de pinga. *Começou a chorar* (9) [...] *A filha se derreteu em lágrimas* (9), o pai veio consolá-la” (VILELA, 1980, p. 30, grifos nossos).

Após o marido ascender-se profissionalmente e a vida do casal progressivamente começar a melhorar, surge uma desconfiança por parte de Inês que seu marido a estivesse traindo. Toda essa cena se encaminha para o desfecho do conto, sinalizando, na figura de Inês, uma mulher desconfiada, com baixa autoestima e descontrolada emocionalmente, e que acaba descontando sua raiva em um dos filhos:

Branca. Branquela. Anêmica. E aqueles óculos – parecia uma velha. (15) Como seria a outra? (16) Cheia, macia, perfumada... Ele a abraçaria, lhe diria palavras de amor, lhe daria beijos na despedida...

– “Reuniões” – e atirou os óculos com força na cama, (17) sem coragem de quebrá-los.

Gritou pelo menino: o menino não respondeu [...] Pegou a correria velha e saiu atrás dele. (17)

- Você grita demais com esses meninos (17) (18) – ele disse no almoço, palitando os dentes enquanto lia o jornal. (VILELA, 1980, p. 31, grifos nosso).

Por essa última fala do marido e fazendo relação com outros momentos do texto, infere-se que a educação das crianças estava a cargo, principalmente, da esposa, a qual vivia basicamente para o lar.

Logo, os atributos semânticos que podemos depreender, com relação ao feminino, pela análise contextual, estão demonstrados a seguir:

ATRIBUTOS REFERENTES À MULHER NO CONTO “POR TODA A VIDA”

6 – opinativa e decidida;

7 – reclusa ou pertencente ao ambiente doméstico;

8 – colaboradora nas finanças domésticas;

9 – sensível (às paixões, às decepções / tristezas e aos sonhos);

10 – interesseira;

11 – dependente financeiramente de um homem;

12 – hostil;

13 – sovina;

14 – gastadeira;

15 – possuidora de baixa autoestima;

16 – desconfiada;

17 – descontrolada emocionalmente;

18 – responsável principal pela educação dos filhos, por permanecer mais tempo no lar com eles.

Disposição dos atributos em categorias subordinadas

Como se pode notar, pela a análise dos dois contos vilelianos, conseguimos identificar dezoito atributos semânticos referentes ao feminino. A partir desse momento, iremos distribuí-los nas categorias subordinadas depreendidas pelo contexto.

Categoria superordenada: MULHER

Categoria de Nível básico: mulher

Categoria subordinada: Reclusa ao ambiente doméstico / ATRIBUTOS – reclusa ou pertencente ao ambiente doméstico; responsável principal pela educação dos filhos por permanecer mais tempo no lar com eles.

Categoria subordinada: Interesseira / ATRIBUTOS – interesseira;

Categoria subordinada: Provocadora do mal / ATRIBUTOS – indutora e provocadora do pecado;

Categoria subordinada: Dependente do ser masculino / ATRIBUTOS – dependente financeiramente de um homem;

Categoria subordinada: Descontrolada / ATRIBUTOS – possuidora de baixa autoestima; desconfiada; descontrolada emocionalmente;

Categoria subordinada: Sensível / ATRIBUTOS – sensível (às paixões, às decepções / tristezas e aos sonhos);

Categoria subordinada: Dissimulada / ATRIBUTOS – dissimulada;

Categoria subordinada: Sedutora / ATRIBUTOS – sedutora;

Categoria subordinada: Dominada pelo mal / ATRIBUTOS – dominada pelo demônio;

Categoria subordinada: Casta / ATRIBUTOS – deve ser casta e pura;

Categoria subordinada: Autoafirmada / ATRIBUTOS – opinativa e decidida; colaboradora nas finanças domésticas;

Categoria subordinada: Portadora de hostilidade / ATRIBUTOS – hostil;

Categoria subordinada: Mesquinha / ATRIBUTOS – sovina

Categoria subordinada: Esbanjadora / ATRIBUTOS – gastadeira

Considerações finais

Como podemos perceber no final da seção anterior deste artigo, há predominantemente a presença de mais atributos semânticos (e de suas respectivas categorias) de características negativas e pejorativas do que aqueles de aspectos mais

positivos. Em alguns casos, por remeter-se a conceitos muito marcados pela tradição patriarcal, é questionável se deve ser considerado como positivo (é o caso de “casta” e “pura”, por exemplo).

Esperamos haver contribuído para área, ao apresentarmos uma análise por um viés da Linguística Cognitiva aplicada a textos de cunho literário. Cabe-nos salientarmos também que, ainda que nosso propósito não tenha sido de identificar como a figura feminina é retratada em toda obra de Vilela, essa análise nos pode dar subsídios para outras mais aprofundadas e detalhadas sobre o tema, em busca de atributos que valorizem ou menosprezem a mulher nos contos vilelianos.

Queremos deixar claro também que esta análise não demonstra qual o pensamento de Luis Vilela, como pessoa, com relação às mulheres, mas sim demonstramos, por meio das pistas lexicais, quais são as imagens cognitivas sobre a mulher, através da categorização e dos atributos semânticos, que o narrador dos contos escolhidos nos deixou sinalizado.

Outrossim, desejamos que esta breve pesquisa seja útil tanto à área de Linguística Cognitiva quanto à crítica literária, bem como aos seus estudiosos e interessados. Acreditamos ainda que análises futuras de outros contos são possíveis e pertinentes, podendo desse autor ou os demais de nossa literatura.

Referências

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: mitos e fatos*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

BERLIN, Brent. Ethnobiological classification. In: ROSCH, Eleonor; LLOYD, Barbara B. (Ed.). *Cognition and categorization*. Hillsdale, Lawrence Erlbaum Ass., 1978, p. 9-26.

CRUZ, Thyago José. *Os provérbios, a categoria mulher e o protótipo: um estudo sobre fraseologia, categorização e imagem cognitiva*. Campo Grande, MS, 2012, 241 fls.. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – PPGMEL, UFMS.

KLEIBER, Georges. *La semántica de los prototipos*. Madrid: Visor, 1995.

LINS, Regina Navarro; BRAGA, Flávio. *O livro de ouro do sexo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

MARQUES, Elizabete Aparecida. *Las unidades fraseológicas desde la lingüística cognitiva: estado de la cuestión*. Alcalá de Henares. Trabajo de investigación. Universidad de Alcalá de Henares. 2005.

MONTERO, Rosa. *Histórias de mulheres*. Tradução de Joana Angélica d'Ávila Melo. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

ROSCH, Eleonor et al. Basic objects in natural categories. In: *Cognitive Psychology*, 1976, p. 382-436.

VILELA, Luiz. *Tremor de terra*. 7 ed. São Paulo: Ática, 1980.

Recebido em 27 de outubro de 2017.

Aceito em 26 de janeiro de 2018.